

## Capítulo V

Movimento dos direitos civis: esfera religiosa em movimento social

Angela Randolpho Paiva

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PAIVA, AR. *Católico, protestante, cidadão: uma comparação entre Brasil e Estados Unidos* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. Movimento dos direitos civis: esfera religiosa em movimento social. pp. 99-123. ISBN: 978-85-7982-041-0. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.

---



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## CAPÍTULO V

### MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS: ESFERA RELIGIOSA EM MOVIMENTO SOCIAL

*Se um dia a América passar por grandes revoluções, serão provocadas pela presença dos negros no solo dos Estados Unidos: isto é, não será a igualdade de condições, mas, pelo contrário, a sua desigualdade que as fará nascer.*

*Alexis de Tocqueville*

Ao analisar o Movimento dos Direitos Civis e a Ação Católica nos próximos capítulos, pretendo verificar a importância da esfera religiosa para a promoção de cidadania em dois movimentos ocorridos na virada da década de 50. Partindo da premissa de que essa esfera pode ser fundamental em situações de desigualdade acentuada, cabe analisar *como e por que* ela foi importante como promotora de mudança social. Para isso, cumpre salientar os valores religiosos que foram norteadores para a ação social, assim como avaliar as mudanças internas ocorridas em ambas as esferas, com o intuito de ver quão distintos passaram a ser os valores que configuraram a nova visão de mundo religiosa. Apesar de o Movimento dos Direitos Civis ser um movimento social e a Ação Católica um movimento da elite Católica, os dois têm em comum a renovação de valores religiosos que foram inspiração para a mudança de orientação profunda na atuação do cristão.

Uma das preocupações será mostrar a complexidade da esfera religiosa e sua capacidade de gerar processos endógenos que conduzam a mudanças. Será enfatizada, portanto, a interação dos atores sociais participantes com as estruturas disponíveis para a sua ação. Estaria, assim, respondendo a uma boa pergunta sociológica a respeito da preponderância da agência ou da estrutura num dado contexto social: no caso dos dois movimentos a serem analisados é difícil defender uma em detrimento da

outra, uma vez que há um movimento de mão dupla durante todo o processo. Em outras palavras, esses movimentos não aconteceram num vácuo, conduzidos por líderes carismáticos que possuíam dons divinos; havia um processo em andamento em ambas as esferas religiosas que não pode ser desconsiderado. Mas a esfera religiosa tampouco era um epifenômeno do conjunto de relações econômicas, políticas e sociais dos anos 50 que pudesse dar conta de uma outra boa questão sociológica: por que os anos 50? O que era distinto então? Uma resposta possível, como será mostrado a seguir, é a feliz interação entre o papel desempenhado pelos atores sociais envolvidos nos dois movimentos com as próprias estruturas disponíveis para tal ação na esfera religiosa.

A análise compreende o período de meados da década de 50 até Unidos, quando é assinada a legislação eleitoral para os negros (*Voting Rights Act*), e 1964 para o Brasil, momento do golpe militar, numa coincidência de datas que não tem nenhuma importância analítica. No caso americano, foi preciso apenas uma década para ser desmantelado o sistema de *Jim Crow* nos Estados sulistas, o que teria levado muito mais tempo se não fosse o papel efetivo da agência em uma estrutura facilitadora para a ação social.<sup>94</sup> No caso brasileiro, foi dada a partida para uma revisão profunda a respeito do que era ser cristão, num caminho novo e irreversível para seus participantes, com uma proposta de modernidade na Igreja Católica não vista até então.

Espero mostrar uma característica impressionante comum aos dois movimentos: eles não só estavam apoiados por valores religiosos renovados que levariam ao questionamento do *status quo*, trazendo um real desejo de mudança, mas também estavam apoiados por alguns setores e instituições religiosas correspondentes. Essa nova maneira de viver a religiosidade, que consistia numa busca para combinar valores cristãos com um significado para a vida na Terra, terminou por levar os atores a transcenderem suas práticas religiosas: era necessário, a partir de então, viver o significado

---

<sup>94</sup> *Jim Crow* é a expressão que era usada para descrever o sistema de segregação racial nos Estados sulistas. Quanto aos Estados sulistas, refiro-me principalmente àqueles do *deep south*, os Estados de Alabama, Georgia, Louisiana, Tennessee, Carolina do Sul e Mississippi. Apesar de não serem os únicos Estados que dependeram do trabalho escravo, foi nessa região onde se deu a maior resistência a mudanças e onde a discriminação racial foi levada às últimas consequências, sendo o palco das maiores campanhas do movimento dos direitos civis.

verdadeiro da sua religiosidade na vida cotidiana. E a esfera religiosa passou a fornecer a mesma munção de que se falava anteriormente na campanha abolicionista americana. Esse é um dos pressupostos principais da presente análise dos dois movimentos: foi o início de um processo que resultou no envolvimento em movimentos de mudança social em ambos os países, com um novo sentido para o que era ser cristão/cidadão.

São, portanto, dois belos exemplos de um maior dinamismo no que Giddens descreve como “dualidade da estrutura”, visto que a estrutura religiosa que constringia também passou a possibilitar mudança. E os dois momentos da década de 50 ilustram o uso desses recursos de uma maneira inovadora: os valores religiosos adquirem um outro significado no momento em que há um retorno a valores esquecidos de uma Igreja militante que podem levar a um tipo de ação social totalmente novo. Os atores – lá e cá – puderam utilizar seus “estoques de conhecimento”, como diria Giddens, numa nova dimensão de cognoscitividade, na medida em que avaliaram os recursos disponíveis na prática religiosa e assumiram uma visão crítica que conduz a mudanças. O enquadramento metodológico baseado na dualidade da estrutura deve ser de dois tipos: a) a análise institucional, cujas propriedades estruturais são tratadas como características cronicamente reproduzidas dos sistemas sociais; e b) a análise da conduta estratégica, que “incide sobre os modos como os atores se apoiam nas propriedades estruturais para a constituição das relações sociais”. Na análise em questão, a agência humana adquiriu outra dimensão ao utilizar alguns dos recursos existentes na esfera religiosa – valores religiosos renovados, engendrando uma visão de mundo que pode promover novo tipo de ação social.<sup>95</sup>

Por conseguinte, estrutura será sempre entendida como a instituição-igreja disponível nos dois países no que significa recursos para a ação social, tanto no que se refere à prática religiosa das igrejas católicas e das seitas protestantes quanto aos valores aí implícitos e que serviram de munção para um determinado tipo de ação.

Agência deve ser entendida como a possibilidade de os atores atuarem na esfera religiosa, orientados por valores que levaram a um novo

<sup>95</sup> *Constituição da Sociedade*, p.234. A conceituação de Giddens é um importante instrumento analítico, pois leva em conta o movimento de mão dupla que quero enfatizar aqui para os dois movimentos.

compromisso na esfera social. Será também entendida como uma nova mobilização de recursos, cuja relevância das escolhas feitas por esses atores mostraram e comprovaram a eficácia de ambos os movimentos: a mudança de orientação verificada na esfera católica e o ideário da ação não violenta e da desobediência civil no Movimento dos Direitos Civis são exemplos de restauração da agência humana.

Estes dois movimentos permitem várias possibilidades analíticas. Primeiramente, eles ilustram a importância da renovação de valores religiosos para sustentar a demanda de uma grande parcela da população que estava excluída da sociedade mais ampla, como é o caso dos negros do Sul na sociedade americana, ou para resgatar velhos valores de uma esfera religiosa letárgica num novo engajamento social, como foi o caso da Ação Católica. Como segunda possibilidade, eles revelam as mudanças internas ocorridas nas respectivas esferas religiosas, pois era necessário um novo discurso religioso que pudesse conduzir à ação social específica, discurso que era endossado por um setor de ambas as esferas. Terceiro, os dois movimentos elucidam a importância institucional da Igreja como base para a ação concertada. Finalmente, eles apontam para a interação dinâmica que pode ser percebida no processo em curso no que se refere às estratégias e às ações específicas dos atores envolvidos. Por causa de todas estas razões, são exemplos fascinantes de um momento na história quando tanto a agência quanto a estrutura religiosas têm um papel fundamental. E um novo conceito de cidadania estava sendo construído por uma parcela expressiva da esfera religiosa nos dois países, que passou então a ajudar na “construção do mundo da vida”, como diria Habermas, no momento em que os atores passaram a ter condições de utilizar os recursos da esfera social de forma autônoma.

Não é minha intenção fazer um relato minucioso do Movimento dos Direitos Civis, pois existe uma extensa bibliografia a respeito, com estudos feitos sob diversas perspectivas analíticas<sup>96</sup>. A preocupação principal vai

<sup>96</sup> Minha análise do Movimento dos Direitos Civis está baseada principalmente na análise de MORRIS. *The Origins of the Civil Rights Movement*; CARSON. *In Struggle: SNCC and the Black Awakening of the 1960s*; BRANCH. *Parting the Waters*; GARROW. *Bearing the Cross*; METER; RUDWICK. *Along the Color Line*; McADAM. *Political Protest and the Development of Black Insurgency*; e PIVEN; CLOWARD. *Poor People's Movement*. Dentre esses autores, Aldon Morris, em *The Origins of the Civil Rights Movement*, analisa o papel

ser apontar como a esfera religiosa pôde facilitar o processo de engajamento nesse movimento de massas. Foi o momento em que as igrejas negras realmente se tornaram um poder social, não só porque representaram o espaço físico onde era possível organizar as assembleias, mas também pelo papel preeminente de seus pastores. Os valores religiosos serão, então, a referência principal na análise do momento em que pastores abandonaram as homilias tradicionais sobre a purificação da alma e começaram a pregar uma nova leitura da Bíblia, na qual valores cristãos genuínos – quais sejam, a liberdade e a igualdade que deviam ser conquistadas pela comunidade cristã, luta legitimada justamente por ser uma comunidade cristã, e a solidariedade implícita nesse processo – seriam enfatizados, revelando uma nova maneira de se vivenciar a fé cristã.

Cabe, portanto, analisar vários aspectos que surgem nesse processo. Neste capítulo, a análise estará relacionada com os atores e os recursos estruturais disponíveis: a) a importância das igrejas negras como o lugar possível para a organização de encontros de massa; b) o papel dos vários pastores que estavam então pregando um novo evangelho que, em última instância, ajudou na construção do mundo cognitivo necessário para a ação social; c) os recursos que estavam disponíveis ou que foram pensados pelos atores ao longo do processo – táticas e estratégias – os quais provaram ser extremamente eficientes para o sucesso do movimento. Todos estes aspectos levam a uma pergunta feita anteriormente: foram as instituições ou os atores – estrutura ou agência – que fizeram a diferença para a eficácia do movimento? O Movimento dos Direitos Civis revela que foram ambos. Tivessem sido atores ou estratégias diferentes, ou ainda recursos estruturais distintos, o resultado certamente teria sido outro.

Porque os negros militantes no Movimento dos Direitos Civis não estavam lutando por seus direitos num processo de ruptura que trouxesse divisão na sociedade americana; eles estavam pedindo inclusão e falando sobre os mesmos valores que haviam sido defendidos pelos fundadores da nação americana desde os primeiros dias de sua democracia. Como escrevia Parsons em 1965, os princípios defendidos pelo Movimento dos Direitos Civis se afinavam com a tradição americana, além de ser esse movimento uma boa oportunidade para que os Estados Unidos mostrassem ao mundo

---

da igreja protestante sulista para a formação política do movimento e vai ser uma referência fundamental para a argumentação que se segue.

que eram uma sociedade realmente pluralista e democrática, como o governo americano apregoava ao mundo no período da Guerra Fria.

E aqui caberiam algumas perguntas pertinentes: o Movimento dos Direitos Civis tentou de fato construir uma nova cultura cívica para a comunidade negra? Quão importantes foram os valores religiosos na promoção desse novo cidadão que finalmente estava em condições de se engajar; que foi chamado a participar de uma ação concertada; e que ao fim e ao cabo estava em condições de ver uma saída para a opressão a que os negros estiveram submetidos por tanto tempo? As respostas para essas perguntas vão ser tentadas a seguir.

### **Igreja negra: de centro comunitário a centro de movimento social**

*Era uma vez uma senhora negra chamada Rosa Parks que vivia na cidade de Montgomery, no Estado de Alabama, sul dos Estados Unidos. Era dezembro de 1955 e ela regressava para sua casa depois de um dia de trabalho. Estava sentada no ônibus, quando subiu um homem branco. De acordo com a legislação segregacionista local, ela deveria dar-lhe seu lugar, mas como estava muito cansada, recusou-se a seguir viagem em pé. O motorista (branco) do ônibus chamou a polícia e Rosa Parks foi presa.*

Quando Rosa Parks se recusou a ceder seu lugar ao homem branco, ela não tinha ideia de que sua ação isolada iria iniciar o boicote aos ônibus da cidade que duraria um ano inteiro, e que pode ser apontado como o ponto de partida para o Movimento dos Direitos Civis. Sua atitude não foi uma ação premeditada, levada a cabo por um ator militante; mas tampouco ela era uma mulher alheia às precárias condições de vida dos negros, pois pertencia ao escritório do *National Association for the Advancement of Colored People* – NAACP de Montgomery. Mas sua recusa iniciou a ação coletiva que iria estabelecer o novo padrão para várias outras campanhas do movimento. Conforme ela mesma coloca, não tinha sido uma ação

planejada: “Acho que a hora tinha chegado, quando eu tinha sido levada ao máximo de pressão que eu podia suportar.”<sup>97</sup>

Três aspectos desse boicote vão estar presentes em várias outras campanhas futuras do movimento:

- a. os negros de Montgomery foram capazes de unir todas as lideranças locais logo após a prisão de Rosa Parks, quando criaram a associação chamada *Montgomery Improvement Association* – MIA;
- b. os atores que surgiram como líderes do boicote estavam propondo novas estratégias de resistência ativa e ação não violenta como forma de protesto; e
- c. as decisões tomadas no processo mostram que a comunidade negra não se dispunha a ceder ou a aceitar alguma solução inócua como era usualmente proposta pelos líderes brancos sulistas.

A combinação destes três elementos resultou em algo novo, não experimentado até então pela comunidade negra americana. E a religião teve um papel crucial nesta combinação.<sup>98</sup>

Logo após a prisão de Parks, alguns líderes, entre eles Mrs. Jo Ann Robinson, membro do *Women Political Council* da cidade e E. D. Nixon, sindicalista local do *Progressive Democrats* começaram a pensar em meios de organizar um boicote eficiente aos ônibus de Montgomery.

---

<sup>97</sup> Entrevista concedida a Clayborne Carson em fevereiro de 1972. Rosa Parks também havia frequentado a *Highlander Folk School* meses antes da sua prisão. Essa escola, que existia desde a década de 30, foi fundada por Myles Horton, um homem branco de origem da classe trabalhadora, que se inspirou nas *folk schools* da Dinamarca. A ideia básica era a educação dos oprimidos pela experiência e pela conscientização, método muito semelhante ao de Paulo Freire e MEB. Vários integrantes do Movimento passaram pela escola de Horton. Ver MORRIS. *The Origins of the Civil Rights Movement*, p. 141-150, para sua descrição.

<sup>98</sup> Até a década de 50, as duas organizações negras mais ativas eram o NAACP, fundada por Du Bois em 1912 no Norte, que se caracterizava por promover batalhas legais na Suprema Corte; e o CORE (*Congress of Racial Equality*), organização inter-racial (com predominância de brancos), criada em Chicago em 1942, cujos fundadores eram pacifistas e intelectuais que acreditavam que os problemas raciais americanos podiam ser solucionados sem violência. Como lembra Morris, tanto o NAACP quanto o CORE não tinham bases populares, e muitos militantes desconheciam a existência desta última organização.

Imediatamente Nixon entrou em contato com Ralph Abernathy, um pastor negro da cidade que, por sua vez, pediu apoio a outros pastores de Montgomery. Nixon sabia que não iria longe sem o apoio dos pastores. A liderança negra da cidade formou, então, a MIA, responsável pelas decisões estratégicas do movimento e que iria mitigar as rivalidades das diversas lideranças negras locais. Eles certamente não sabiam que estavam dando início a uma ação concertada que não só iria desafiar a supremacia branca da cidade, como também significou o primeiro aviso à nação de que os negros estavam finalmente propondo algo diferente. É Lerome Bennet quem lembra que “pela primeira vez, as comunidades brancas se viram forçadas a lidar com cidadãos negros não como protegidos, mas como atores sociais sérios, não como pedintes, mas como cidadãos.”<sup>99</sup>

Várias foram as razões para a eficácia do boicote a serem ressaltadas: primeiramente, a MIA logrou realmente unificar os distintos grupos da cidade, e a eleição de Martin Luther King, Jr. como coordenador teria um efeito que ninguém poderia ter previsto na época, nem mesmo para o próprio King. É importante lembrar que King foi eleito como um nome de consenso porque era um pastor negro recém-chegado a Montgomery, e, como um pastor novo na comunidade, não seria visto como representante de nenhum grupo específico. King ainda não era o ativista preeminente dos direitos civis em dezembro de 1955, pois havia feito poucas referências à questão do racismo em seus discursos durante seu primeiro ano (1955) como pastor na cidade. É por isso que vários autores defendem a ideia de que ele encontrou um foco novo para seus sermões com a crise dos ônibus.

O segundo ponto a ser ressaltado é o lugar de encontro das primeiras reuniões de massa depois que se decidiu pelo boicote: a igreja de King, *Dexter Avenue Baptist Church*, foi o local escolhido para o encontro dos líderes; uma reunião de massa foi então programada para o primeiro dia do boicote na *Holt Street Baptist Church*. Alguns dias depois outra reunião foi

---

<sup>99</sup> BENNET. *Confrontation: Black and White*, p. 221. O boicote aos ônibus de Montgomery começou em dezembro de 1955 e só terminou em dezembro de 1956, quando a Suprema Corte determinou que a segregação racial nos transportes públicos de Alabama era ilegal. Nesse período, os negros se organizaram em conduções coletivas para suprir a falta de transporte, andavam de bicicleta ou simplesmente caminhavam. Meses depois de iniciado o boicote, os motoristas de taxi, negros, foram proibidos de transportar os grevistas a preço de custo. Era o poder do *White Citizen Council* (associação racista branca) que tentava, sem êxito, enfraquecer o movimento.

organizada na St John AME Church; e, na segunda-feira, 12 de dezembro, houve uma reunião para marcar a primeira semana do boicote na Bethel Baptist Church. Essas reuniões revelam dois aspectos: não só o boicote de ônibus foi um movimento que teve sua base na Igreja, mas várias delas foram anfitriãs para as reuniões onde a ação concertada era decidida. Na realidade, a Igreja era a única instituição negra com independência suficiente para empreender tal ação. Como testemunha o Reverendo Walker, um dos principais ativistas do movimento:

Não teria havido Movimento dos Direitos Civis sem a igreja negra e isso é um fenômeno sociológico da igreja afro-americana. O pastor negro é a pessoa mais livre da comunidade negra e deve prestar contas apenas à comunidade a que serve: Por exemplo, toda a minha vida é suprida pelos negros. Eu visto negro, escrevo negro, falo negro, como negro. Logo, sou independente das estruturas de poder de qualquer natureza, sejam municipal, estadual ou federal. Assim sendo, a igreja negra se tornou o fórum natural para a expressão e aspirações dos negros, sob a liderança dos religiosos negros.<sup>100</sup>

Havia, portanto, chegado a hora na qual a Igreja passou a ter um novo significado na prática religiosa. Passou a ser o lugar onde os negros podiam ouvir uma nova mensagem, onde eram acordadas novas propostas para ação coletiva, e novas formas de levá-las a cabo eram discutidas. Segundo Jo Ann Robinson, uma das organizadoras do boicote de Montgomery, os pastores e suas igrejas fizeram o sucesso do movimento: “Eles deram seu tempo, suas mentes, suas preces e liderança, e tudo isso foi o modelo a ser seguido pelos leigos. Deram-nos confiança e fé em nós mesmos e na sua liderança.”<sup>101</sup>

Mas apesar de estarem propondo algo novo, os pastores não mudaram o estilo das reuniões de suas congregações: elas eram mescladas com a antiga tradição da igreja negra, tais como música, palmas e sermões interativos. Esse estilo não seria abandonado durante todo o movimento, e sua dinâmica exigia que o pregador se tornasse um orador carismático. Para

---

<sup>100</sup> Entrevista com Wyatt T Walker, em 14 de maio de 1997, Canaan Baptist Church of Christ, Harlem, New York. O Rev. Walker foi o secretário executivo da principal organização do movimento, a SCLC, até 1964.

<sup>101</sup> ROBINSON. *The Montgomery Bus Boycott and the Women who Started it*, p. 54, tradução minha. Ela ainda lembra que havia pastores batistas, metodistas, presbiterianos, luteranos, congregacionalistas.

Marable, havia, de fato, uma dualidade de consciência na tradição da igreja negra entre o conservadorismo espiritual e a consciência radical do oprimido, com tentativas ousadas na tradição do cristianismo negro, desde a década de 20 “para transcender as tendências conservadoras inerentes a sua fé e enfatizar a consciência ativista e politicamente orientada do *blackwater*”. Mas essa transcendência somente pôde ser realizada de maneira plena mais tarde com o Movimento dos Direitos Civis e com o carisma de Martin Luther King Jr., que foi, então, capaz de catalizar esses sentimentos e motivar os negros a participarem e agirem como atores numa ação concertada.<sup>102</sup>

Não há risco de estar superdimensionando a importância da igreja negra como o centro do movimento, pois todos os outros lugares públicos estavam, de uma forma ou de outra, sob o controle dos brancos, quando não eram completamente proibidos para a reunião de negros. Assim, apesar de a ação social não ter sido iniciada sob a iniciativa direta dos pastores nas suas igrejas, estas logo passaram a ser um centro de organização social, pois eram os únicos lugares disponíveis, não apenas para o MIA, mas para todas as outras campanhas e reuniões organizadas a partir de então. Era o que McAdam chama de “alavanca política latente” (*latent political leverage*) de qualquer segmento da população que possa iniciar um movimento social. No caso do Movimento dos Direitos Civis, a Igreja era a estrutura inicial disponível para os atores planejarem a ação social. E os pastores não se omitiriam em desempenhar um papel de liderança crucial nesse processo.

Isso ficou mais evidente em 1957, quando as lideranças negras sulistas decidiram-se pela criação de uma organização cujo objetivo era coordenar as inúmeras campanhas que se iniciavam em várias cidades sulistas, todas elas inspiradas no sucesso do boicote de Montgomery. Quase 100 pastores negros se reuniram na Ebenezer Baptist Church em Atlanta, respondendo ao chamado dos Reverendos Fred Shuttlesworth, Charles Steele e Dr. King. Foi criada, então, a *Southern Christian Leadership Conference* – SCLC, uma organização originada diretamente da ação da igreja. Segundo Morris, a SCLC “fornecia a dimensão política que puxou as

---

<sup>102</sup> Ver MARABLE. *Religious and Black Protest Thought in African American History*, p. 333. *Blackwater* significa a consciência das condições imediatas com ênfase na capacidade existencial de se manter acima da opressão e coloca o cristianismo no centro da vida comunitária negra [*it places Black christianity at the very center of Black life*].

igrejas diretamente para o movimento e o transformou numa força dinâmica.” Foi possível, a partir de então, haver uma interação bem maior entre os vários líderes locais. Martin Luther King foi eleito presidente da SCLC e foi, de fato, um líder de preeminência. Mas como sugere Morris, seria enganoso considerar a SCLC como a organização de King: “A liderança de King era baseada numa máquina organizacional, equipe qualificada e consultores, grupos com talento e recursos, e ideias coletivas criativas.”<sup>103</sup>

O Movimento dos Direitos Civis foi, portanto, a oportunidade que parte da igreja negra teve de levar a cabo a tarefa de ajudar na promoção de uma ação social inovadora, desconhecida tanto da igreja dos brancos, quanto da igreja negra conservadora de classe média. Essa igreja negra de classe média era bem representada pelo próprio pai de Martin Luther King, Jr., *Daddy King*, próspero pastor em Atlanta, que via com preocupação a nova militância de seu filho. Certamente teria preferido que seu filho tivesse assumido uma paróquia abastada, como ele o fizera. Mas essa era uma nova geração de pastores, pastores que estavam conscientes não só da opressão racial a que eram submetidos, mas que àquela altura já haviam desenvolvido um real desejo de mudança social face aos desmandos incessantes das práticas segregacionistas e da violência racial. Representavam um grupo especial: tinham muita autonomia e sua responsabilidade era diretamente relacionada com suas congregações, mas sofriam as mesmas discriminações raciais como qualquer outro segmento da população negra, independente do prestígio que tivessem nas suas próprias comunidades, o que evidenciava a ambiguidade de sua posição social. Dessa forma, não só a instituição-Igreja foi capaz de prover o movimento com o espaço físico para suas reuniões, como também os pastores iriam fornecer um novo guia espiritual para a ação social efetiva.

Por conseguinte, parte da igreja negra, principalmente um grupo expressivo das denominações batista e metodista, estava pronta para apoiar o movimento social que surgia e se tornaria fonte para a ação social. Como observaram Piven e Cloward, a capacidade dos negros de arregimentar

---

<sup>103</sup> MORRIS. *The Origins of the Civil Rights Movement*, p. 78 e 94 (tradução minha). Para Morris, a SCLC foi a dimensão política a mobilizar os recursos da igreja. Ressalta que seu comitê administrativo tinha 13 membros, dos quais 11 eram pastores. Sua criação estava inserida na tradição do protesto negro, e associações locais foram as primeiras a se filiarem.

resistência foi aumentada significativamente com o processo de urbanização ocorrido nos Estados sulistas, no momento em que eles, segregados nos guetos e igrejas, passaram a ser membros em larga escala das igrejas.<sup>104</sup> Mas isso não era suficiente. A instituição não teria iniciado nenhuma mudança sem o desempenho dos atores que estavam, naquele momento, fazendo essa instituição soar diferente ao professarem um novo evangelho. É por isso que não se pode abrir mão de um marco analítico com atores e estruturas interagindo para a mudança social se quer se ter uma visão acurada do papel da religião no Movimento dos Direitos Civis.

### **Pastores negros: abrindo mão dos céus para pregar ação social cristã na terra**

Quando King fez seu primeiro discurso como coordenador do MIA, foi enfático ao dizer à audiência que eles formavam uma comunidade cristã. Naquele dia, em dezembro de 1955, sua preocupação era combinar dois elementos aparentemente irreconciliáveis: desafiar os negros para o protesto e reafirmar a doutrina cristã do amor fraterno. Mas ele logrou ambos: conclamou a plateia a protestar e a cultivar o amor cristão ao mesmo tempo. E conseguiu catalisar os ânimos daquela noite de uma maneira admirável quando disse aos milhares que estavam lá reunidos que eles estavam cansados de ser massacrados pela opressão. E acrescentou que se eles estivessem equivocados, Deus também o estaria.

Seriam linhas repetidas em muitos dos seus discursos e sermões, e dão uma ideia precisa da habilidade de King de combinar elementos do evangelho com elementos de uma nova militância para os negros do Sul. Ele não estava propondo submissão, nem paciência ou resignação cristã, mas sim, convocava a plateia a lutar com determinação, buscar justiça e rejeitar humilhação e opressão precisamente por serem cristãos. Portanto, por serem cristãos, os negros tinham o dever moral de repelir a injustiça a que eram submetidos com a segregação racial. Nesse primeiro discurso, ele traçava uma linha de ação que seria a marca do movimento:

---

<sup>104</sup> PIVEN; CLOWARD. *Poor People's Movements*, cap. 4. O foco analítico principal é a relação entre a mudança econômica, as insurgências populares e o sistema eleitoral nacional. Esses autores fornecem uma ótima análise das alianças políticas de ambos os partidos nacionais depois da Segunda Guerra Mundial com a comunidade negra sulista.

Estamos aqui esta noite porque estamos cansados agora. (Sim) [aplausos] E eu quero dizer que nós não defendemos a violência. (Não) Nunca fizemos isso. (Repita isso. Repita isso) [aplausos] Quero que se saiba por toda Montgomery e por toda a nação (bem) que nós somos um povo cristão. (Sim) [aplausos] Nós acreditamos na religião cristã. Nós acreditamos nos ensinamentos de Jesus. (bem) A única arma que temos nas nossas mãos nessa noite é a arma do protesto. (Sim) [aplausos]. É tudo.  
(...) Nós os deserdados dessa terra, nós que estamos oprimidos há tanto tempo, estamos cansados de caminhar pela longa noite do cativeiro. E agora estamos para alcançar a alvorada da liberdade, da justiça e igualdade.<sup>105</sup>

Eram palavras certas para o momento certo. Começava, então, nos idos de 1955, a habilidade de King de combinar religião e política, num caminho irreversível em direção à participação política, no qual religião e política viriam sempre lado a lado. Marable enfatiza que a visão política de King provinha diretamente da sua fé, e King pastor nunca foi ultrapassado por King militante. É por essa razão que é preciso cuidado ao analisar a atuação política de King como a manifestação negra da “religião civil” americana, como defende Manis. O que prevalecia na atuação pública de King era antes de tudo o pastor de fortes convicções religiosas; religião que não impedia sua ação política, muito pelo contrário, impelia-o ao engajamento na luta por melhores condições de vida para os negros como cristãos e como cidadãos americanos. Essas duas ideias nunca seriam excludentes na sua atuação pública. Como ele mesmo escreveu, a religião não devia estar preocupada com questões materiais, mas não podia se omitir diante das questões sociais, pois o evangelho social é uma via de mão dupla: “Qualquer religião que professa estar preocupada com as almas dos homens (...) e não com as condições sociais que os oprimem (...). Tal religião é a que os marxistas gostam de ver – o ópio do povo.”<sup>106</sup>

<sup>105</sup> CARSON (Ed.). *The Papers of Martin Luther King, Jr.* v. TU, p. 72-73. As palavras entre parênteses se referem à resposta da plateia, lembrando sempre que os sermões da igreja negra eram interativos.

<sup>106</sup> KING Jr. *Stride Toward Freedom*, p. 36. Este livro foi escrito logo após o boicote de Martin Luther King descreve como era a comunidade negra em 1956 com três características predominantes: faccionalismo entre as lideranças, indiferença dos negros com escolaridade e passividade dos não educados. Para a “religião civil” americana, ver MANIS. *Southern Civil Religions in Conflict – Blacks and Whites Baptists and Civil Rights, 1947- 1957*.

Mas é preciso cuidado para não superdimensionar o papel de King nesse processo. Apesar de não se poder negar sua liderança nem seus dons de oratória, o Movimento dos Direitos Civis não foi um movimento de um homem só, nem tampouco um movimento essencialmente religioso. Vários “leigos” tiveram papel preeminente para a emergência do movimento, como Eia Baker, membro do NAACP de Nova York antes de se engajar no movimento, Bayard Rustin, secretário-executivo da organização pacifista *War Resisters League* que se tornou consultor de King, assim como Stanley Levison, advogado branco de Nova York, entre outros. Foram lideranças genuínas desde a primeira campanha do movimento:

Baker e Levison foram personagens-chave para apontarem a importância das estratégias para o movimento de massa, enquanto Rustin (juntamente com o Reverendo Glenn Smiley do Fellowship of Reconciliation) foi um dos principais consultores na orientação para a ação não violenta. Porque os pastores militantes foram aos poucos vislumbrando a possibilidade da ação direta não violenta como estratégia eficaz. Como lembra Rustin: “Acho que é justo dizer que a visão de Dr. King sobre as táticas da não violência era praticamente inexistente quando o boicote começou.”<sup>107</sup>

Seria igualmente incorreto não mencionar a atuação dos outros pastores negros que já militavam nas suas localidades, como o Reverendo Shuttlesworth (líder do Alabama Christian Movement for Human Rights – ACMHR), o Reverendo Steele (líder do Inter Civic Council-ICC de Tallahassee), ou o Reverendo Smith (Nashville Christian Leadership Council), por exemplo, ou ainda o pastor luterano branco, Reverendo Robert Graetz, que se juntou ao MIA. Todos esses ministros estavam praticando um novo evangelho: usavam uma mistura de carisma com a ação direta que seria extremamente importante para que a população negra sentisse que tinha um novo caminho a trilhar. Dessa forma, o púlpito não era mais apenas o lugar de se louvar a Deus, mas também um lugar de

<sup>107</sup> Entrevista feita por T. Fl. Baker em Nova York, em 1976. Pertence à Lyndon B. Johnson Library. FAIRCLOUGL (*Martin Luther King Jr.*) ressalta a importância da assessoria desses radicais nortistas para o planejamento inicial do movimento. Balça, Rustin e Levinson fundaram uma associação em Nova York chamada “*In Friendship*”, durante o boicote de Montgomery, e tiveram um papel decisivo na criação da SCLC em 1957. Foi Austin quem escreveu as linhas gerais da associação. Rustin e Smiley foram os principais mentores para a ação não violenta de Gandhi.



difusão de nova forma de atuação. Mas os líderes negros protestantes que despontavam conservaram a tradição da igreja negra enquanto pregavam uma nova bíblia.

E são vários os pastores que trabalharam diretamente com a SCLC em todas as outras campanhas: Jim Bevel, C. T. Vivian, Wyatt Tee Walker, Andrew Young, Jesse Jackson, John Lewis, James Lawson, Charles Sherrod and Ralph Abernathy (este seria o parceiro de King até sua morte), entre outros. Como mostra Lischer, eles contrabalançavam King, pastor educado em Boston, com elementos que este não possuía e que eram necessários às reuniões de massas: Lawson era intelectual, Bevel vigoroso, Abernathy bem humorado, e Lewis, sincero. Mas todos tinham a combinação certa para levantar as audiências.<sup>108</sup>

E esses pastores tinham uma missão difícil a sua frente: o ensino da não violência não era uma tarefa fácil para uma população que se acostumara a ser ou passiva ou violenta. Agora os pastores negros estavam pedindo à comunidade negra para ter uma atitude inversa: estavam convocando suas assembleias a serem ativas e não violentas e o princípio da não violência adquiriu um sentido religioso que foi construído com o desenrolar do movimento. Essa foi uma das tendências fundamentais entre todas que confluíram naquele momento: o papel dos pastores como agentes na criação da não violência negra, cuja referência clara era o evangelho social dos teólogos Rauschenbusch e Niebuhr e que serviu para imprimir a força que o movimento adquiriu a partir daí. Essas lideranças religiosas, que já tinham uma formação acadêmica mais sólida àquela altura, usaram o evangelho social como uma das suas principais referências para a atuação pública. Niebuhr, em *Moral Man and Imoral Society*, já fazia a apologia da ação não violenta negra em 1932. Sugeriu boicotes, pois pensava que a resistência não violenta poderia ser a contribuição religiosa para a vida política e cita Gandhi, como exemplo a ser seguido.

Uma outra tendência nos idos da década de 50 era a presença de pacifistas que há algum tempo tentavam colocar em prática os princípios da não violência para a ação coletiva, cuja grande inspiração era a ação de Gandhi na Índia naquele momento. Ajudaram a catalisar as frustrações e

<sup>108</sup> LISCHER. *The Preacher King*, p. 254. Lischer foi capaz de analisar vários sermões dos líderes religiosos do movimento, graças às gravações grampeadas feitas pela polícia das cidades sulistas onde havia reuniões.

tentativas de protestos de forma organizada que, sem dúvida alguma, daria a personalidade ao movimento de protesto que iniciavam. Não eram ideólogos que chegavam para impor de cima para baixo suas formas de atuação. Apenas davam nova forma a uma terceira tendência existente nas comunidades negras: os protestos isolados de boicotes ao transporte público ou a lojas que discriminavam negros em várias cidades do Sul. Eram organizados por lideranças locais em associações também locais, vários reverendos entre elas, mas eram organizações dispersas e muitas vezes com alto grau de rivalidade entre si. A atuação dos pastores nas diversas localidades era uma constante, como por exemplo, os Reverendos Fred Shuttlesworth e Lawson, ou ainda o Reverendo Steele, o que comprova a existência de um movimento de base na comunidade negra muito antes do surgimento oficial do protesto de massa. Esse movimento de base seria mesmo fundamental para a força e coesão alcançadas pelos ativistas. E a assessoria da militância do FORE ao SCLC foi fundamental para a configuração do movimento social.

Por último, cabe lembrar que essas várias tendências se inseriam na própria tradição americana de desobediência civil, desde os primórdios da sua independência, com a rebelião do chá em Boston, quando prevaleceu o princípio de *no taxation without representation*. A possibilidade de dissidir, e ainda de criar associações militantes, foi sempre possível no cenário político americano, sendo Thoreau um dos ideólogos americanos a pensar e praticar a desobediência no século passado, pois defendia a ideia de que era preciso desobedecer a uma lei injusta, como haviam feito os abolicionistas no século XIX. O que foi distinto, a partir de 1955 para a comunidade negra, foi o fato de a desobediência assumir finalmente o caráter de movimento social com uma forte conotação religiosa, no momento em que os pastores passaram a enfatizar a necessidade – e obrigação moral – de os cristãos rejeitarem as formas de injustiça a que estavam expostos. A não violência, implícita nesse processo de desobediência, passa então a ser a estratégia a desafiar as legislações segregacionistas das cidades sulistas.

O princípio da não violência foi inspiração para a criação de uma nova organização em 1960, o *Student Nonviolent Coordinating Committee* – SNCC. O SNCC foi organizado para atender às necessidades de outro segmento da comunidade negra – os estudantes – que então estava propondo uma ação mais direta na luta contra a segregação, depois da ação

espetacular dos sit-ins de Nashville.<sup>109</sup> Sua criação era consequência do aumento significativo de estudantes negros que haviam adquirido maior escolaridade naquele momento. Diferentemente da SCLC, o SNCC era descentralizado e não se baseava em nenhuma liderança carismática; tinha um princípio comunitário forte, com a participação marcante de mulheres e brancos. Seria ainda um foco de conflito crescente com os outros braços do movimento, principalmente a SCLC. Ella Baker saiu da SCLC para ser uma das figuras mais ativas na nova organização. Foi a organização que empreendeu algumas das ações mais espetaculares do movimento, com os *sit-ins* e os *freedom rides*. Era considerada a “tropa de choque” do Movimento dos Direitos Civis.

Howard Zinn, em pleno desenrolar dos fatos, definia o SNCC em 1965: “São radicais, mas não dogmáticos, sérios, mas não ideológicos. Seu pensamento é indisciplinado; é fresco e é novo.” Pelas suas características próprias, a nova organização puxaria todo o movimento para uma ação muito mais direta, mas na sua fase inicial (1960/1964) compartilharia dos mesmos princípios da SCLC. Casey Hayden, uma das militantes, dizia: “SNCC não tem uma filosofia diferente da SCLC – somos apenas mais jovens e mais malucos!”<sup>110</sup> Apesar de algumas análises mais recentes tentarem diminuir a importância da atuação dos pastores da SCLC na nova organização (e mesmo de King em todo o movimento), é inegável a influência tanto do boicote de Montgomery como da atuação da SCLC na nova organização. Lawson, um dos ideólogos do SNCC, lembra que a liderança de King, com sua pregação da não violência, e o boicote de

---

<sup>109</sup> Em fevereiro de 1960, quatro estudantes negros entraram na lanchonete da loja Woolworth’s, que servia comida apenas à população branca (aos negros era permitido apenas comprar artigos na loja). Estavam bem vestidos e, educadamente, pediram café, mas não foram atendidos. Foram presos depois de permanecerem horas “sentados” sem terem sido atendidos. Os *sit-ins* de Greensboro, Carolina do Norte, desencadearam vários outros em diversos Estados do Sul, e viraram notícia de primeira página nos principais jornais do país. Foram de fato o embrião para a criação do SNCC. (pronuncia-se *snik*)

<sup>110</sup> Citado em KING. *Freedom Song – A Personal Story of the 1960s Civil Rights Movement*, p. 280. Mary King (sem parentesco com Martin Luther King) foi responsável pelo projeto de relações humanas do SNCC e saiu quando os brancos foram expulsos em 1965. Ressalta que o SNCC era extremamente idealista e acreditava nos princípios democráticos do país. Dois reverendos do SCLC, Andrew Young e James Bevel faziam a ligação entre os dois movimentos. Ver também ZINN. *SNCC, the New Abolitionists*, p. 7, excelente estudo das motivações e atitudes dos estudantes. Lembra que 80% eram negros oriundos de famílias humildes do *Deep South*.

Montgomery prepararam o caminho para qualquer outro movimento que precisasse apoio, pois o “solo já tinha sido preparado.”<sup>111</sup>

Na formação original do SNCC havia uma referência moral e espiritual que gradualmente foi abandonada. Alguns de seus líderes mais preeminentes eram orientados por valores religiosos, como John Lewis, James Bevel e Diane Nash, e pela ação não violenta, como James Lawson. Todos haviam participado dos *workshops* sobre não violência do Reverendo Kelly Smith da First Baptist Church de Nashville. Assim sendo, a ação não violenta e a religião vinham lado a lado como princípios norteadores do movimento, estando mesmo explicitadas no primeiro comunicado do SNCC, redigido por Lawson: “Afirmamos o ideal filosófico ou religioso da não violência como o fundamento do nosso objetivo, o pressuposto da nossa fé e o modo de nossa ação. A não violência que vem da tradição judaico-cristã busca a ordem social de justiça permeada pelo amor.”<sup>112</sup>

Considerado o movimento como um todo, cabe lembrar que todas as associações a ele relacionadas, ainda que tivessem suas características próprias, tinham pontos em comum que foram fundamentais para a ação concertada. Todas propunham uma mudança na velha ordem social da sociedade de casta sulista, mostrando não estarem dispostas a recuar diante das pressões da supremacia branca?<sup>113</sup> Dessa forma, o princípio da não violência ativa representava, como estratégia, uma nova proposta de conduta e não significava nenhuma ruptura com o modelo mais amplo do Estado-nação, pois a demanda era por inclusão no cenário democrático da

---

<sup>111</sup> Entrevistado por MORRIS. *The Origins Movement of the Civil Rights*, p. 202.

<sup>112</sup> Citado em CARSON. *In Struggle: SNCC and the Black Awakening of the 1960s*, p. 23, análise detalhada do SNCC. O autor mostra como a organização foi modificando esses princípios originais, tornando-se mais radical ao longo do processo. O ponto de radicalização total, e de ruptura, seria 1965, quando os militantes brancos foram expulsos da organização (alguns haviam sido fundadores do SNCC) e Carmichael é eleito com uma nova ideia-força: o *black power*. Era o fim da orientação não violenta e cristã promovida por John Lewis, secretário executivo da organização até aquele momento. Lawson foi citado em Morris, p. 202.

<sup>113</sup> As organizações mais importantes eram as chamadas *big five*: SCLC, SNCC, NAACP, CORE (Congress for Racial Equality) e FOR (Fellowship of Reconciliation), ainda que as duas primeiras tenham sido criadas com o Movimento em andamento e foram de fato as mais militantes. O CORE encontrou com o Movimento dos Direitos Civis um novo foco de atuação.

sociedade mais ampla, cenário que seria a inspiração para as crescentes demandas do movimento.

Tampouco havia conflitos com os princípios cristãos professados pela nova geração de pastores que haviam tido uma formação acadêmico-religiosa muito mais sólida; ao contrário, era um caminho natural vislumbrado por pastores de diversas denominações para promover a nova militância religiosa em busca da cidadania negra. Fica transparente nessa conduta estratégica a importância da interação entre estrutura (autonomia das diversas denominações e valores do evangelho social) e agência (pastores negros com formação distinta) para a implementação da não violência nos seus atos de desobediência civil. A eficácia das táticas concebidas pelos atores mostra a importância real da agência humana: não eram recursos disponíveis para os atores cristalizados no tempo, à disposição desde sempre, pois várias dessas táticas foram pensadas pelos militantes quando o movimento já estava em seu curso e ao longo de todo o processo. Mas seriam determinantes para que fosse traçada uma nova forma de protesto.

### **Recursos: táticas e estratégias num tabuleiro de xadrez**

Quando as campanhas do movimento são analisadas, elas revelam que novas táticas emergiam dos equívocos de campanhas anteriores. A campanha de Albany de 1962 foi uma lição penosa, mas necessária para o planejamento exitoso da próxima, que seria em Birmingham em 1963. Em Albany, o chefe da polícia local usou os mesmos métodos de não violência para reprimir o protesto negro, levando a campanha a um impasse. Assim, a lição foi aprendida para planejar a campanha de Birmingham, cidade escolhida a dedo pela fama da violência policial contra os negros, para a qual foram pensadas novas táticas de confronto com a supremacia branca. Branch ressalta que a campanha de Birmingham trouxe uma nova fase para o movimento no que concerne às táticas usadas, do *convencimento* pela não violência para o *confronto* pela não violência. E essas novas táticas iriam assombrar a comunidade branca, que estava acostumada a lidar ou com um

negro submisso e ingênuo, ou com um negro que recorria à violência para protestar.<sup>114</sup>

Há uma questão que geralmente gravita na mente de quem tenta entender o Movimento dos Direitos Civis: o movimento começou com a campanha de Montgomery? Se a resposta é afirmativa, pode-se então perguntar por que Montgomery e por que 1955. Ao invés de tentar buscar uma única explicação causal, impossível de ser encontrada pelo que já foi visto, é mais plausível considerar a prisão de Rosa Paria como o fator precipitador de um longo processo de maturação; de estarem os atores certos no lugar certo; e de haver uma base institucional que então estava pronta para apoiar a mudança social. Seria, portanto, incompleto apontar apenas a questão econômica ou o processo de urbanização em curso como causas para a emergência do movimento (Piven; Cloward, 1979), muito menos para a vitória legal que representou a renovação de esperanças com a decisão da Suprema Corte em *Brown v. Board of Education* de 1954, ou ainda o carisma de Martin Luther King e as ações de protesto isoladas anteriores a 1955. Foi, antes de tudo, a combinação de vários desses fatores que iria fazer a diferença a partir de 1955.

Certamente foi fundamental a transformação demográfica pela qual passou a população negra; foi crucial a emergência de líderes carismáticos preparados com um discurso afiado para a mobilização coletiva; essencial foi a decisão da Suprema Corte de 1954 que decretava a ilegalidade da segregação nas escolas; indispensável mesmo foi a existência de um movimento anterior de conscientização e mobilização ainda que esparso, como o Highlander Folk School ou o boicote de Baton Rouge na Louisiana. Por todas essas razões, é mais apropriado dizer que foi o conjunto de fatores que configurou uma estrutura em mudança, mas disponível, para que os atores pudessem ao fim obter um novo *script* nesse processo de construção de identidade coletiva para a comunidade oprimida. Pode-se concordar com Doug McAdam para quem o movimento social é uma interação entre grupos organizados e o ambiente sociopolítico que se tenta mudar. E o tempo estava maduro para a ação de massa, pois ações isoladas de protesto já haviam acontecido em várias cidades sulistas, levadas a cabo por diversas

---

<sup>114</sup> BRANCH. *Parting the Waters*, p. 195. Branch sustenta que a não violência em Montgomery começou por acaso, o que pode ser questionado pela ênfase na não violência desde as primeiras reuniões do MIA.

organizações locais que puderam assegurar a força estratégica do movimento.<sup>115</sup>

Todas as táticas empregadas desde a primeira campanha foram pautadas pelo princípio da não violência. A não violência foi, na realidade, a estratégia pensada pelos ativistas para que pudesse ser dramatizada a violência branca, pois eles sabiam que era a única maneira de terem a opinião pública como aliada de sua causa. Para isso era importante que a comunidade negra soubesse ser não violenta mesmo em situações de violência e uma das principais ações da SCLC foi o treinamento de militantes em sociodramas para que aprendessem a lidar com situações de violência sem esboçarem qualquer reação violenta. Além disso, o discurso dos ativistas era de pedido de *inclusão* de cidadania e realçava os valores mais caros à nação, tanto no que diz respeito aos princípios democráticos do país quanto aos valores religiosos predominantes. E daí vem a eficácia do movimento: lograram passar a mensagem de uma comunidade injustiçada pelas práticas segregacionistas sulistas à sociedade mais ampla, mensagem que dizia que apenas queriam usufruir os direitos civis e políticos que estavam prescritos na Constituição. Assim sendo, o discurso e a estratégia usados seriam fundamentais para o êxito do recado.

Mas quais foram as táticas mais eficazes para demonstrar a importância da ação concertada da comunidade negra? Uma das mais eficazes – o boicote, forma antiga de protesto no Norte do país, era comum como forma de protesto tanto a estabelecimentos comerciais que não contratavam empregados negros quanto aos transportes públicos. Mas eram feitos de forma isolada, não constituindo incidente que pudesse preocupar a supremacia branca. Assim, o boicote de Montgomery foi o primeiro a abalar seriamente essa supremacia quando a comunidade negra, principal usuária do transporte público, não cedeu às pressões da comunidade branca representada pelo *White Councils* local até conseguir o objetivo de banir a

---

<sup>115</sup> McADAM. *Political Process and the Development of Black Insurgency*, p. 39. McAdam defende a ideia de que a emergência do protesto político é resultado da combinação de oportunidades políticas em expansão e organização endógena, mediada através de um processo crucial de atribuição coletiva. Apesar de minorar o papel dos novos atores sociais na sua abordagem, sua análise dá conta de explicar o processo político que estava acontecendo antes de 1955. Para uma excelente análise de construção de identidade coletiva, ver APPIAH. *Identity, Authenticity, Survival*.

segregação no transporte público local, o que foi feito com a decisão da Suprema Corte.

Um outro recurso que foi sendo cada vez mais usado a partir de 1955 foi a organização de marchas e atos de desobediência civil. Os lugares eram cuidadosamente escolhidos para o confronto com a repressão policial branca. Aliás, os atos de desobediência civil foram uma das marcas registradas do movimento em geral, e do SNCC em particular. Quando os quatro estudantes em Greensboro entraram numa lanchonete para brancos, sentaram-se e pediram café, em ato explícito de desobediência às leis segregacionistas locais, eles estavam imprimindo um novo padrão de protesto que iria galvanizar o sul do país. Quando estudantes negros e brancos entravam num mesmo ônibus, em ações conhecidas como os *freedom rides*, para serem recebidos em outras cidades com uma repressão policial brutal, era uma tática consciente de estarem pressionando pelo término das leis injustas da segregação sulista.

Mas o recurso mais inovador, usado a partir das primeiras campanhas, foi o uso da cadeia para chamar a atenção das autoridades federais. Os ativistas eram presos e se recusavam a pagar fiança para que sua ação pudesse realmente ter o significado de uma ação coletiva eficaz (tática conhecida como *jail-no-bail*, articulada pela primeira vez por Lawson). Não foi uma ação nada fácil para os negros do Sul, pois precisavam superar o medo de ir para a prisão. Porque “ir para a cadeia” tivera sempre uma conotação terrível para os negros: geralmente significava um lugar onde estavam à mercê do injusto sistema legal dos brancos e completamente privados de qualquer segurança pessoal. Quando eles lograram superar esse temor, tornou-se um recurso de protesto político fundamental para chamar a atenção da nação. O clímax foi Birmingham em 1963, quando as cadeias da cidade e adjacências ficaram repletas de ativistas, inclusive milhares de adolescentes. Houve um forte simbolismo religioso no momento em que milhares de adultos e crianças presos começaram a cantar hinos de igreja.<sup>116</sup>

---

<sup>116</sup> A campanha de Birmingham de 1963 foi marcada pela violência policial. Houve como inovação o uso de estudantes secundaristas que foram igualmente presos pela polícia de *Bull Connor*. Nessa campanha King é confinado à solitária e escreve a famosa *Letter from Birmingham Jail*, a ser analisada mais adiante. Um dos motivos do fracasso da campanha de

A prisão das lideranças passou a ser uma constante e funcionou como tática eficaz para a formação da opinião pública americana sobre o movimento. Mas é importante ressaltar que várias dessas táticas e estratégias foram desenvolvidas quando o próprio processo de participação no movimento estava em andamento: os atores aprendiam enquanto agiam, experimentando novas maneiras de ação coletiva ao mesmo tempo em que quebravam velhos tabus. Essas táticas, sejam elas o boicote de Montgomery, ou os *sit-ins* de Nashville, os *freedom rides* no Alabama, as marchas de Selma, ou ainda o *jail-no-bail* de Birmingham, todas elas tiveram muito êxito em dramatizar a provação da população negra do Sul. Elas mostraram a força das organizações de base de cada cidade sulista e o nível de maturação atingido para a ação coletiva. Além do mais, estavam mandando uma mensagem das mais contundentes para toda a nação, quando demandavam coerência com os princípios democráticos do país.

A preocupação de organizar uma comunidade solidária e não violenta transparece quando se analisam os princípios norteadores das diversas organizações do movimento. A SCLC, por exemplo, desde o início de sua criação, era uma organização preocupada em promover uma nova agência para o protesto social, sendo quatro dos sete documentos de trabalho sobre a necessidade da não violência. No documento de trabalho #1 da organização havia um plano de ação cujos objetivos principais se apoiavam no fato de ser a organização “baseada na instituição mais importante da cultura negra – a Igreja”, demandando dessa nova organização “liderança unificada e comunidade compartilhada”, ao mesmo tempo em que enfatizava o método da não violência, quando “o amor cristão transforma os humildes em nobres e o medo em coragem”. Termina assegurando que “a luta cria um espírito comunitário através do sacrifício pela comunidade.”<sup>117</sup> Essas orientações podem ser interpretadas como o padrão da cultura cívica a ser desenvolvido na comunidade negra: os ativistas dos direitos civis estavam convidando a comunidade negra a viver o amor cristão, a lutar por seus direitos e agir coletivamente, o que demandava uma cota de sacrifício pessoal de cada

---

Albany foi a fiança paga por um advogado branco quando King e Abernathy estavam na cadeia, evitando, assim, que a prisão de ambos fosse manchete de jornais.

<sup>117</sup> Há sete documentos de trabalhos originais da SCLC e estão disponíveis no Martin Luther King, Jr. Paper Projects da Universidade de Stanford. Segundo Morris, esses documentos foram elaborados por Bayard Rustin, consultor de King.

participante. Nessa cota estava incluída ainda a necessidade de os negros conseguirem superar o medo que sentiam da possível retaliação branca.

A ação direta não violenta que estava sendo pregada dos púlpitos era uma nova forma de os negros confrontarem o racismo branco. Houve várias ocasiões em que tais ações atingiram um clímax que logrou produzir impacto naquele segmento da população branca que não nutria sentimentos racistas extremados. Quando o país assistiu a cenas de violência explícita na televisão, com crianças sendo atacadas por cães policiais ou sendo presas aos milhares, quando viu negros serem atirados ao chão por jatos d’água de mangueiras de incêndio, ou ainda pastores serem espancados por policiais, produziu-se um sentimento de vergonha nacional que fez a grande diferença para a opinião pública americana. Essa era, na realidade, a maior eficácia da ação direta não violenta: a comunidade negra estava nas ruas das cidades do Sul, dramatizando décadas de opressão e racismo enquanto pedia ajuda ao governo federal. E os ativistas negros conseguiram fazer uso do então incipiente poder da mídia extremamente bem.

Uma outra grande preocupação da SCLC no que se refere à ação estratégica foi a promoção de centros de registro eleitoral para os negros, os quais, pensavam seus líderes, ajudariam a construir a força política de que o movimento necessitava, quando uma parcela significativa da população negra estivesse habilitada a votar.<sup>118</sup> O registro eleitoral foi uma das preocupações de todas as outras organizações que se envolveram no movimento, tais como o SNCC, CORE, e alguns escritórios do NAACP. E seria a atividade principal da SCLC a partir de 1958, com resultados iniciais questionáveis: era difícil ir contra todos os obstáculos criados pela supremacia branca com a intenção de manter os negros longe da urna eleitoral, tais como testes de alfabetização, comprovação rígida de residência, chegando mesmo a atos terroristas explícitos. Era difícil convencer os negros a se registrarem, mas era uma etapa crucial para tornar a comunidade negra um grupo político poderoso no nível nacional. O voto

---

<sup>118</sup> Em 1958 a SCLC começou a “Crusade for Citizenship”, um programa de ação popular coordenado por Andrew Young com o objetivo de conferir direitos políticos para os habitantes negros de várias cidades do Sul. Esse programa substituiu o pioneiro *Highlander Folk School*, que foi durante muito tempo um dos poucos espaços voltados para a construção da cidadania negra. YOUNG (*An Easy Burden: The Civil Rights Movement and the Transformation of America*) faz o relato completo do programa.

negro seria cada vez mais determinante para mudar tendências eleitorais, como pôde ser visto na eleição de Kennedy em 1960.<sup>119</sup>

A esfera religiosa teve, portanto, um papel crucial em todo o processo de concepção do movimento. As igrejas não só eram os lugares onde fundos eram arrecadados, registro eleitoral era encorajado e campanhas futuras eram planejadas, mas também os pastores estavam difundindo uma nova mensagem nos seus sermões, com uma mescla de valores religiosos e procedimentos práticos a serem seguidos para que pudesse ocorrer ação coletiva.<sup>120</sup> Não havia contradição naquele momento entre ser religioso e ser um agente social: ambos estavam interligados, revelando uma transcendência na prática religiosa que trazia novas luzes para o sentido real de “amar seu próximo” e ser solidário na comunidade cristã. E esses valores promoveram um sentido de cidadania há muito tempo esquecido para a comunidade negra. Mas convém perguntar que valores são esses antes de se traçarem algumas considerações sobre esse momento em que ser religioso também significava ser um ator político.

---

<sup>119</sup> Ver BRANCH. *Parting the Waters*, que conta os detalhes da mudança na campanha eleitoral de 1960 e menciona o telefonema de apoio recebido por Coretta King, mulher de King, do candidato à presidência, John Kennedy, por ocasião de uma das inúmeras prisões de King. Segundo o autor, Kennedy ganhou vários votos negros naquele momento e a eleição sobre Nixon. Ver WATTERS; CLIGHORN. *Climbing Jacob's Ladder: The Arrival of Negroes in Southern Politics*, para a história do voto dos negros até os anos 60.

<sup>120</sup> Uma outra importância de organizações como a SCLC e SNCC era sua capacidade de levantar recursos para o financiamento das campanhas e para o pagamento de fiança dos militantes presos. Cantores como Harry Belafonte, Mahalia Jackson, Pete Seger e Joan Baez foram de inestimável ajuda para o movimento. Belafonte foi o maior provedor individual de recursos vindos do Norte.